

FERNANDA DE ARAGÃO E RAMIREZ

**UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA PARA O
TREINAMENTO EM EQUIPES DE BASE DE
BASQUETEBOL**



FERNANDA DE ARAGÃO E RAMIREZ

UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA PARA O TREINAMENTO EM EQUIPES DE BASE DE BASQUETEBOL

Monografia apresentada à
Disciplina Seminário de
Monografia II, como parte
integrante da avaliação para a
obtenção do título de Bacharel
em Treinamento em Esportes,
na Faculdade de Educação Física
- UNICAMP, sob orientação da
Prof^a. Tatiana Carvalho Assadi e
co-orientação do Prof. Dr.
Roberto Rodrigues Paes.

Banca Examinadora



Prof. Tatiana Carvalho Assadi



Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes

Prof. Dr. Orival Andries Júnior

"Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que se adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações do homem, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade. Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto da eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem."

(Albert Einstein)

À todos aqueles que fazem
do desporto brasileiro
motivo de orgulho.

AGRADECIMENTOS

Disseram-me que era preciso agradecer às pessoas que aqui estiveram comigo e eu o fiz da seguinte maneira: **Obrigada a todos vocês por terem conseguido me trazer aonde estou!** Eu achei suficiente uma vez que cada um sabe a mão que eu aceitei; e embora breve e sucinto não havia esquecido ninguém.

Mas vejam só, era preciso ser mais clara (ou seria mais formal?) e depositar neste papel letras compositoras de todos os nomes. Primeiro achei por bom posicioná-los na ordem crescente do dicionário a fim de evitar pequenas mágoas. Listei-os em uma folha colorida à parte mas fiquei em dúvida se havia esquecido alguém nesta galeria que havia se formado. Aí achei melhor ser genericamente sincera, o que fiz na seguinte forma: **Agradeço aos meus orientadores, Roberto e Tatiana, e demais participantes deste trabalho por ajudarem a me posicionar onde agora estou!**

Desta vez ninguém disse nada. É que eu mesma não tive coragem de fazer com que esta frase nascesse cheia das injustiças que apareceriam ao excluir aqueles que não estiveram tão presentes assim no (con)texto deste trabalho, mas que muito lutaram para que eu continuasse. Então, a fim de agradecer as sinceras amizades, acrescentei o seguinte texto: **Obrigada Henrique, Valeska, Lu_ , Pedro e Ever por me acompanharem e fazerem parte de minha vida! Paulo, obrigada por tudo, principalmente pelas reticências...**

Ops! Escrever os nomes das pessoas realmente é complicado! Ou pelo menos vêm complicando este agradecimento. Agora é importante que eu não me esqueça de alguns amigos que estiveram comigo durante os anos de graduação. Então, aí está: **Obrigada Murph (pelo seu amor dedicado). Valeu Dri, Gavini e valeu Tania!**

Vejam só como o fundo, mas fundo mesmo é engraçado. É que bem lá no seu cantinho eu não queria agradecer por assim dizer ou agradecer por agradecer. Muito menos agradecer em vão. Só queria mostrar para as pessoas que estiveram comigo que se hoje eu estou aqui não foi só por minha vontade; e a única coisa que eu posso dar a elas como agradecimento é meu estar aqui. É o que, em nome dos meus familiares, farei:

- Mãe e Pai, viram só? Eu ainda estou aqui! Viu, vovó!?

RESUMO

Neste trabalho discute-se o treinamento em equipes de base de basquetebol. As categorias compreendidas - Mini e Mirim - correspondem a adolescentes com idades entre 13 e 14 anos e, é neste sentido, que se atenta às questões do início da adolescência considerando, principalmente, suas particularidades no processo de treinamento infantil. Há diversos estudos sobre a adolescência, dentre eles, o enfoque psicanalítico, eixo desta intervenção.

Para se entender como as questões psicanalíticas interferem na prática desportiva este estudo tem como suporte a constituição psíquica do sujeito e suas interligações com o desenvolvimento corporal. Considera-se que o jovem se constitui de marcas adquiridas advindas da busca ao prazer e/ou fuga ao desprazer como resultado das representações associadas às lembranças de experiências agradáveis ou desagradáveis, positivas ou negativas que se incluem no inconsciente do sujeito e que podem estar presentes nas mais diversas ações desportivas.

Para falar sobre o psiquismo no desporto primeiro é necessário contextualizar a própria psicologia desportiva, sua história, sua área de atuação, sua base científica e, principalmente, dando eixo ao trabalho, falar sobre a visão psicanalítica aí inserida. Delimitando mais o estudo no público alvo, torna-se imprescindível discorrer sobre os processos da adolescência, o desenvolvimento corporal e a constituição psíquica do jovem e como estes podem interferir na prática desportiva. Fechando o círculo desta proposta, fica a cargo do basquetebol, enquanto desporto coletivo, caracterizar as possibilidades de um trabalho em equipes de base através do olhar psicanalítico. A intenção não está em, necessariamente, levar o psicanalista para a quadra; mas em oferecer a técnicos e professores de educação física, em especial de basquetebol, informações e instrumentos que os auxiliem no comando da prática desportiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
PARTE I	
Psicologia Desportiva	04
1. História e evolução da psicologia desportiva	04
1.1. História da psicologia desportiva no Brasil	06
2. O trabalho psicológico em equipes desportivas	09
2.1. A psicanálise e outras teorias na prática desportiva.....	12
PARTE II	
O Adolescente de 12 a 15 anos: Constituição Psíquica e Desporto ..	17
1. Constituição psíquica e o desenvolvimento corporal	17
2. O período da adolescência	21
2.1. O adolescente e a tendência grupal	24
3. Caracterização de grupo desportivo	25
PARTE III	
O Basquetebol Em Categorias Menores	32
1. Caracterização geral do basquetebol e as questões psíquicas	32
2. O basquetebol em equipes de base - mini e mirim	39
2.1. Algumas considerações sobre as regras	41
DISCUSSÃO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado sobre o treinamento desportivo em idades jovens, como muitos são os trabalhos que abordam os problemas decorrentes de um planejamento inadequado e as polêmicas que rodeiam o tema do *treinamento e da especialização precoce*.

Para se atingir um grau de êxito desportivo, em qualquer idade, considerando-se o desenvolvimento natural do indivíduo, é necessário contextualizar o *momento esportivo* vivido pelo atleta e adequá-lo também às exigências psíquicas e sociais. A busca de talentos é um fato, e merece atenção. Não se pode negar que a especialização precoce oferece muitos riscos para o praticante, por outro lado, estes poderiam ser evitados se obedecidos alguns parâmetros fundamentais como um bom planejamento da seqüência de treinamentos e a valorização dos aspectos psíquicos e conflitos emocionais que envolvem o atleta.

Diminuir os problemas da especialização precoce parece fácil. A realidade é que muitas pessoas ainda vêem no desporto um meio de ascensão social, que chegará somente com um alto nível técnico conseguido através dos treinamentos físico, técnico, tático e também do aparelho psíquico. Neste ponto, o indivíduo não medirá forças para realizar toda e qualquer tarefa que o leve a ser um fenômeno social.

Se ser um bom atleta depende de um efetivo desempenho, o questionamento principal do trabalho em equipes de base está em *como* tornar um jovem desportista eficaz a ponto de integrar uma equipe profissional, sendo que para isso ele deverá ser visto por outros técnicos e apresentar em competições um nível preestabelecido e uma qualidade física compatível ao que lhe será exigido. Inclui-se aí os problemas da

má utilização no volume e intensidade das cargas físicas e/ou dos efeitos psíquicos que envolvem a especificidade do treinamento precoce que, quando em exagero, podem resultar no abandono precoce deste indivíduo do desporto e implicar na perda do prazer pela atividade.

Quando não desprezados, os aspectos psicológicos poderão se tornar grandes aliados do técnico ou treinador, principalmente quando as soluções de problemas desportivos estiverem relacionados às peculiaridades dos aspectos emocionais. Uma boa estratégia de condução, principalmente quando se fala sobre atletas em formação, está em se conseguir mensurar e controlar o volume e a intensidade das cargas físicas e também dos efeitos psíquicos nas atividades técnico-táticas, a fim de capacitar um atleta nas diversas habilidades e capacidades específicas exigidas pelo desporto diminuindo o uso desnecessário de esforços e de movimentos exaustivos, reduzindo os níveis de estresse causados pelo excesso de carga e aumentando o prazer que o praticante sente pela atividade.

Neste estudo, a leitura dos aspectos emocionais segue uma tendência psicanalítica. A psicanálise, ciência criada por Freud, é um método de tratamento e de investigação da vida psíquica do sujeito que privilegia os aspectos inconscientes. Embora ela se apresente como algo novo dentro do campo desportivo é perfeitamente possível sua integração enquanto trabalho complementar de treinamento. Basta dizer que um dos princípios psicanalíticos tem como pressuposto a busca do sujeito pelo prazer e a fuga do desprazer como resultado das representações associadas às lembranças de experiências agradáveis ou desagradáveis, positivas ou negativas que marcam o seu inconsciente e que reaparecem nas suas mais diversas ações inclusive na prática desportiva.

No desporto coletivo, no caso o basquetebol, modalidade escolhida para esse estudo, pensa-se numa estratégia de intervenção da psicologia que não esteja apenas calcada na modificação de comportamento mas que trabalhe, em primeira instância, com a subjetivação e particularidades de cada jogador, isso considerando que a posição ocupada em quadra não depende unicamente de uma questão estratégica mas também do que é subjetivo.

Neste contexto, como elucidação de uma proposta, equipes de base foram privilegiadas. Alguns elementos merecem atenção: o caráter coletivo do jogo que estabelece relações entre seus participantes; o desenvolvimento físico se cruzando a todo momento com a constituição psíquica e a construção e separação dos desejos dos adolescentes que até então estavam colados aos dos pais.

PARTE I

PSICOLOGIA DESPORTIVA

O que se observa no mundo desportivo é um processo evolutivo marcado pela existência de forte competição e conflito na busca de vitórias. A exigência pode ser maior em alguns clubes do que em outros, é verdade; mas o desafio de sobreviver e atuar com sucesso em quadra é um jogo de astúcia e agilidade, sorte e força bruta; um jogo no qual nem todos os chamados logram se fazer escolher.

Quando, neste meio onde a informação é acessível a todos, a questão de até onde um atleta pode chegar na busca de seus imperativos atléticos está além de um planejamento adequado das unidades de treinamento ou mesmo além da utilização de uma aparelhagem moderna, enquadra-se o aparelho psíquico do desportista como responsável pelas manifestações do inconsciente e que pode, por fim, determinar algumas ações ocorridas em quadra que comprometem sua atuação.

1. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA DESPORTIVA

A psicologia desportiva é a mais nova das ciências que estudam e integram o desporto. O marco responsável pelo seu desenvolvimento, tornando-a mais representativa, aconteceu em virtude do I Congresso Internacional de Psicologia Esportiva (Roma, 1965). Segundo Silva (1967) o crescente mercantilismo profissional que se apresentava ao

mundo desportivo trazendo empresários, políticos, exploração comercial e, conseqüentemente, fazendo com que atletas profissionais ficassem a mercê de normas jurídicas, obrigando-os a jogar onde, quando e mesmo com quem não lhes aprovem, como autômatos e alienados, foi tema amplamente abordado neste primeiro Congresso.

Pouco tempo depois a psicologia desportiva ganhou mais espaço através da publicação da primeira revista especializada da área organizada pela Sociedade Internacional de Psicologia. Esta revista e outras publicações específicas foram responsáveis pela unificação da divulgação do que estava sendo publicado nos diferentes países, dentre eles, a Alemanha, a URSS e os EUA.

Nas décadas de 60 e 70, a psicologia desportiva se fortaleceu ganhando reconhecimento acadêmico e institucional. Nesta época, as pesquisas que a analisava juntamente com as outras ciências que envolvem o desporto tiveram grande relevância. Ainda neste período foram fundadas a *The North American Society for Sport and Physical Activity* (Sociedade Norte Americana para o Esporte e Atividade Física), a *International Society for Sport Psychology* (Sociedade Internacional para a Psicologia no Esporte) e também outras entidades especializadas em diferentes países como o Japão, Suécia, Inglaterra, Canadá, Brasil e em alguns países do leste europeu.

É importante ressaltar que no leste europeu a maioria dos trabalhos específicos da área, destinados aos desportistas de elite e ao aperfeiçoamento individual, ocorriam mediante a uma investigação aplicada e também a uma intervenção direta feita com os atletas e equipes.

A crescente investigação sistemática em conseqüência de um número maior de pessoas que se envolviam com a psicologia desportiva

fez com que, na década de 80, este campo se popularizasse principalmente na busca pela melhoria do rendimento desportivo. Nesta época, a metodologia aplicada se encaminhou para pesquisas de investigações mais amplas e diversificadas, tanto em suas abordagens teóricas quanto na sua aplicação prática.

Antes do período de formação desta ciência, que aconteceu entre as décadas de 50 a 80, a história da psicologia desportiva foi menor mas não menos significativa. No período de 1895 à 1919 poucos foram os trabalhos sobre a influência da psicologia no desporto. Desta época se tem notícias de que os trabalhos na área eram realizados por algumas pessoas que se interessavam pelo assunto. Foi somente depois dos estudos de Griffith (década de 20) - considerado por muitos pai da psicologia desportiva - que os cientistas reconheceram esta como uma nova ciência que vinha se afluando com trabalhos e pesquisas sistemáticas.

1.1. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA DESPORTIVA NO BRASIL

No Brasil a Psicologia Desportiva teve seu início com o psicólogo João Carvalhais quando por volta de 1958 dedicou-se à seleção de árbitros de futebol para a Federação Paulista. Outro psicólogo que participou no surgimento da psicologia desportiva no Brasil foi Ataíde Ribeiro da Silva, que em 1962 trabalhou com a seleção brasileira de futebol.

Não foi por acaso que o surgimento da psicologia desportiva no Brasil esteve vinculada ao futebol. Isso pode ser explicado pelo fato de que este desporto no país, além de ser um fenômeno desportivo, é também um fenômeno social. Assim, os acontecimentos mais marcantes

desta nova ciência pertencem, também, à história do futebol brasileiro. Um fato, por muitos considerado mais uma lenda, diz respeito ao episódio da "Seleção Canarinho" que disputou a Copa de 58 na qual Pelé e Garrincha se mantiveram afastados dos primeiros jogos após algumas conclusões tiradas pelo psicólogo da equipe (o próprio Carvalhais) ao analisar as respostas dos testes de inteligência que foram aplicados. Segundo tais testes, Garrincha assumiria uma posição limítrofe enquanto Pelé seria considerado muito imaturo. Em consequência destes resultados ambos os atletas só entraram em campo após a terceira partida disputada pela Seleção e brilharam na conquista da Copa. Ao se questionar o por quê da não escalação dos atletas nos primeiros jogos a culpa ficou para Carvalhais e também para a psicologia desportiva que se manteve afastada da Seleção por aproximadamente 40 anos. O retorno público da psicologia nos campos de futebol estaria vinculado a um segundo episódio, bem mais recente, entitulado pela mídia como o "*caso Ronaldinho*", no qual se atribuiu o insucesso do jogador na Copa de 98 à ausência de um profissional da psicologia na Comissão Técnica que dirigia a Seleção Brasileira de Futebol (Jornal do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, ago/99).

Atualmente, são poucas as publicações e estudos desenvolvidos no Brasil demonstrando uma psicologia desportiva ainda recente e em processo de evolução. Segundo o jornal do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (1999), a especialização nesta área só ganhou importância no Brasil no início desta década devido ao desenvolvimento do desporto no país. Dentro deste contexto grande parte dos profissionais que têm produzido na área da psicologia desportiva é, na verdade, graduada em Educação Física, território no qual a disciplina

vêm sendo administrada há mais de 20 anos e que concentra a maior parte da bibliografia da área.

Academicamente, a contribuição mais recente na área está na formação da *Comissão de Esportes do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo* criada em maio deste ano (1999), que segundo Kátia Rúbio, em entrevista cedida ao *Jornal de Psicologia do Conselho Regional* (ago/99), o maior propósito da Comissão está em levar os profissionais da Educação Física que trabalham na área às discussões, que atualmente têm acontecido em torno "*da formação, do papel do profissional, do uso dos instrumentos e das questões éticas implicadas*" e fazer com que o "*seguimento se firme de maneira efetiva e organizada*".

Não é só no futebol que a psicologia desportiva brasileira vem ganhando terreno. Outras modalidades, individuais e coletivas, também são alvo deste novo campo principalmente quando se atribui às conquistas o envolvimento psíquico do atleta como fator decisivo no resultado final da prática desportiva. Com aumento da competitividade e da igualdade desportiva devido ao desenvolvimento tecnológico e à instrumentação cada vez mais acessível aos profissionais que trabalham com o desporto de alto rendimento, a procura por algo que diferencie os atletas fica muito visada e a psicologia desportiva acaba ganhando mais força com seus novos aliados.

Um exemplo de que a psicologia desportiva brasileira está atuando em outras áreas pode se caracterizar pelo trabalho realizado pela psicóloga Regina Brandão na seleção masculina de voleibol, campeã nos Jogos Olímpicos de 1992 (BRANDÃO, 1996) e em algumas equipes de basquetebol que disputam os principais campeonatos da modalidade como por exemplo, as equipes do BCN/Osasco, do Arcor/Santo André, do Esporte Clube Pinheiros e os trabalhos realizados na Seleção Brasileira

Feminina quando o técnico Antônio Carlos Barbosa passou a incluir em seus treinamentos as idéias do trabalho proposto por Gardner de "Inteligências Múltiplas" ao trabalhar, em várias esferas, técnicas de mentalização, consciência corporal, relaxamento, visualização dentre outras.

Por fim é importante ressaltar que a maioria dos trabalhos desenvolvidos nesta área estão enraizados em métodos provenientes da psicologia comportamental ou da neurolingüística. A idéia de introduzir a psicanálise como conceito que servirá de referência para a intervenção da psicologia desportiva é inovadora e pouco utilizada até o momento.

2. O TRABALHO PSICOLÓGICO EM EQUIPES DESPORTIVAS

O que se tem visto sobre o trabalho psicológico em equipes desportivas refere-se aos estudos dos fatores psíquicos que estão associados à participação e ao rendimento desportivo. Os profissionais da psicologia desportiva se interessam por dois objetivos principais: busca-se a melhora do rendimento físico nos treinamentos ou questiona-se como o desporto e a atividade física podem afetar o desenvolvimento psíquico do indivíduo. Para Buceta (1998) a psicologia no desporto está relacionada à análise do comportamento do atleta que pode influir positiva ou negativamente no funcionamento físico, técnico e tático, e portanto, no rendimento desportivo. Para ele, através de avaliações e estudos sobre estes comportamentos, pode-se compreender e modificar os atletas a fim de otimizá-los.

A psicologia desportiva vem evoluindo e ganhando espaço tanto no campo das pesquisas quanto na sua atuação direta na prática

desportiva. Com isso tem surgido novos temas ligados as áreas preventiva, educativa e social. Para Roffé (1998) por exemplo, a psicologia preventiva pode evitar ou minimizar os prejuízos que provocam nos jovens jogadores as expulsões, lesões, indutores de estresse e adições à substâncias nocivas.

A crescente da psicologia no mundo desportivo chega como um algo a mais na conquista de vitórias e é responsável por modificações no planejamento geral do treinamento. Durante os anos de estruturação desta ciência pode-se percebê-la nos treinamentos de muitas equipes desportivas, nas mais diversas modalidades. Muitos autores que estudam a Ciência Desportiva já incluem em seus estudos a importância de um trabalho multidisciplinar e consideram a psicologia desportiva fator determinante na conquista de vitórias. Para Venzon (1998), em toda a ação desportiva existe um envolvimento psíquico, consciente ou não; e a qualidade deste envolvimento interferirá na intensidade de aprendizagem dos exercícios e no resultado competitivo. Weineck (1999) segue pelo mesmo caminho; para ele, um equilíbrio nos aspectos psicológico e hormonal apresentará uma nova melhora das capacidades físicas, possibilitando um aumento na intensidade do treinamento.

Ao se analisar a psicologia no campo desportivo e fora da educação física escolar percebe-se que poucos trabalhos desenvolvidos nesta área são destinados aos atletas em formação. Segundo a psicóloga Regina Brandão - em entrevista cedida ao Jornal do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (ago/99) - a psicologia não deve se restringir ao atleta profissional; deve estar também nas categorias menores que constituem a base da pirâmide o que diminuiria, em muito, alguns dos problemas que se tem com grandes atletas.

A psicologia em categorias menores tem um papel fundamental e deve ser estudada mais a fundo pelos profissionais da área. Dentro da prática de uma modalidade desportiva há momentos e fases a serem superados. Cada um destes momentos ou fases deverão por sua vez, estarem integrados aos pilares do desenvolvimento desportivo, isso levando-se em conta que um bom processo evolutivo depende de uma boa base para se chegar ao alto rendimento.

O desporto de base apresenta outras exigências do que simplesmente qualificar um jovem atleta ao alto rendimento. Um aspecto importante da aplicação da psicologia nas categorias menores está na motivação do futuro atleta para o desporto e na preocupação de que nem todos os jovens pensam em se tornar ou serão grandes atletas. Neste último ponto é importante ressaltar que mesmo aqueles que têm como meta o desporto de alto rendimento, pode não virem a ser. Há que se pensar em um trabalho que vise, se não esclarecer, pelo menos diminuir o conflito do porquê de ser um futuro campeão e do porquê de estar ali.

Ferguson (1999), que faz uma crítica sobre o desporto infantil, aborda assuntos que devem estar presentes no planejamento do trabalho feito com crianças e adolescentes. Um deles refere-se ao aumento da competitividade infantil seguida pela profissionalização do desporto na infância e o outro faz um paralelo entre os desejos como influenciador da prática desportiva do indivíduo. Há casos de pais que chegam a investir grandes quantidades de dinheiro no futuro desportivo de seus filhos. Desta forma é fácil encontrar, dentre os diversos motivos que levam uma pessoa a praticar um determinado desporto, indo desde as relações interpessoais principalmente na adolescência onde jovens buscam nos grupos identidades comuns, atletas infantis que estão

praticando um determinado desporto em virtude dos sonhos e desejos de outros, principalmente pais e técnicos.

O que se pode verificar, com esta crescente profissionalização do desporto infantil, é que nos últimos anos tem ocorrido um rejuvenescimento na idade de início da prática desportiva. Segundo Zakharov (1992), este fato não é válido para todas as modalidades sendo mais evidente nas ginásticas, nos saltos ornamentais, na patinação artística, na natação, no esgrima e em algumas outras; mas concorda que o nível dos resultados no desporto de hoje é tão alto que só as pessoas que se dedicam à atividade desportiva durante muitos anos são capazes de superar este nível ou mesmo se aproximar deste. Para ele, este rejuvenescimento está ligado a diversos fatores, como por exemplo, o regulamento das competições e a especialização que começa mais cedo antecipando a passagem destes atletas ao desporto profissional. Já nas outras modalidades os quadros etários tem permanecido constantes durante as duas ou três últimas décadas, o que permite concluir que somente os atletas que têm um planejamento adequado desde as categorias menores, construído de modo com que a dinâmica de cargas de treinamento assegure a obtenção de resultados superiores na idade otimizada, ou seja, idade de pico onde a performance e as capacidades específicas atingem seu máximo, são capazes de conseguir resultados ótimos.

2.1. A PSICANÁLISE E OUTRAS TEORIAS NA PRÁTICA DESPORTIVA

Mesmo considerando-se as diversas possibilidades de contribuição dos ramos da psicologia, muitos dos trabalhos (ou sua maioria) produzidos na área se encontram de acordo com as linhas objetivas

propostas pelo enfoque comportamentista ou também da psicologia psicodinâmica.

Segundo Feijó (1992), "*até o presente, a escola comportamentista tem sido aquela mais utilizada na psicologia aplicada ao esporte. Seus métodos principais tem sido o estímulo-resposta, o reflexo condicionado, os testes psicotécnicos. Do ponto de vista humano, o comportamentismo tem sido mecanicista com um pragmatismo mais preocupado com os resultados do atleta, do que com o bem estar total do atleta como pessoa.*" (p.116)

A linha *comportamental* trabalha com o desporto através de um esquema de adequação do comportamento pela premiação ou punição. Deste modo a *mudança* do comportamento, que acontecerá através de *estímulos e respostas, erros e acertos*, incentiva o comportamento adequado ou elimina o inadequado otimizando os atletas na busca da conquista desportiva. A psicologia comportamental é treinável e é neste ponto onde os técnicos, preparadores físicos e demais profissionais da área da ciência do treinamento encontram respaldo para a incluírem em seus trabalhos.

No desporto ainda se pode encontrar as ciências que cercam a neurologia, como as teorias psiconeuroimunológica, psiconeuromuscular e também os trabalhos propostos pela neurolingüística. Em comum, todas trabalham com as questões de como os pensamentos e as emoções se relacionam com o sistema nervoso central e como isso pode afetar as demais estruturas fisiológicas e biológicas do organismo. Estas teorias se baseiam na repetição de pensamentos que produzem atitudes (cientificamente corretas) em prol de resultados positivos.

Muito difundido no desporto está o *treinamento autógeno*, elaborado por Schultz (apud Weineck, 1999), que implica na

concentração, relaxamento e auto-sugestão, levando o atleta a um estado hipnóide de grande relaxamento muscular. Para estes profissionais o treinamento autógeno tem importância na recuperação e restabelecimento da potência física e psíquica do desportista que se encontra esgotado.

Nos últimos anos tem se falado em *Inteligência Emocional*, linha proposta inicialmente por Daniel Goleman e *Inteligências Múltiplas* de Howard Gardner. O trabalho de inteligências "múltiplas" enfatiza a variabilidade do número de capacidades humanas, que se apresentam nas esferas identificadas em diferentes áreas do cérebro. Pode-se falar em inteligência lógica, musical, espacial, lingüística entre outras. Já a teoria de inteligência emocional se baseia na idéia de que toda pessoa é capaz de aprender a lidar de forma competente com suas emoções e administrá-las. Para ambas, é através de um treinamento mental orientado ou de um *condicionamento mental* que se atinge um patamar favorável no controle das emoções.

Já a psicanálise, ciência estruturada inicialmente por Freud e alvo deste estudo, trata de outros aspectos que também podem integrar e complementar o trabalho desportivo principalmente quando se fala das categorias menores ou na preparação física de muitos anos. Enquanto ciência não treinável tão pouco imediatista, a psicanálise tem em seu conjunto de atividades a busca do prazer e a fuga do desprazer como resultado das representações associadas às lembranças de experiências agradáveis ou desagradáveis, positivas ou negativas que se incluem no inconsciente do sujeito e que podem estar presente nas mais diversas ações desportivas.

No âmbito desportivo a psicanálise se encontra na possibilidade de se privilegiar a repetição do inconsciente ao invés da repetição do

movimento físico e mecânico, enfatizando-se principalmente as questões relativas ao desejo e ao prazer como princípios que constituem o sujeito e suas influências na prática desportiva. Cada um possui uma história única e particular; e no percurso da construção desta são priorizadas algumas escolhas em troca de outras. O que acontece é que quando se faz uma escolha algo é deixado de lado gerando um sofrimento pelo que foi abandonado. Escolher entre isto ou aquilo são situações que se repetem durante a existência do sujeito e que permanecerão, enquanto representações, no inconsciente. Para Lapierre (1984) "*durante toda a nossa vida repetimos, sob diferentes formas, os mesmos comportamentos, mesmos se eles se revelarem inadaptados nas circunstâncias do momento. As condutas do insucesso são uma ilustração evidente disso*". (p.56)

Segundo Rodrigues (1998), nada ocorre ao acaso; muito menos os processos mentais. Se nada ocorre ao acaso e se cada pensamento tem sua razão, isso significa que, em muitos momentos, quando parece não existir nenhuma explicação para aquele comportamento, a causa se encontra exatamente em algum processo mental inconsciente que por algum motivo não pode vir à tona da consciência. Para a autora, o método psicanalítico integrado ao desporto existe na possibilidade da transformação do inconsciente em consciente, como por exemplo, recuperar recordações reprimidas.

O inconsciente se repete e se traduz num modo de ser do sujeito, é a janela por onde ele vê o mundo. No desporto esta repetição também se manifesta. Um atleta vai lidar com as pressões da torcida da mesma forma como ele lida, por exemplo, com as pressões exercidas pelos seus pais ou pela escola, porém, o sujeito só pode se dar conta deste fato

quando ele é falado, já que estas repetições sempre acontecem de forma involuntária.

Rodrigues (1998) insere as questões psicanalíticas em seu trabalho através da *Psicoterapia Dinâmica Breve*, por ser um processo que pode oferecer uma resposta mais rápida aos atletas. É importante ressaltar que o público focado pela autora refere-se a tenistas juvenis; ou seja, ao desporto individual, fugindo-se as questões do desporto coletivo, em grupo. Já neste estudo acredita-se que uma das possibilidades de manifestação das repetições do inconsciente surgem ou podem ser lidas em movimentos grupais, como por exemplo no basquetebol, desporto praticado em equipe.

PARTE II

O ADOLESCENTE DE 12 A 15 ANOS: CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E DESPORTO

O interesse pelo físico no desporto é evidente. Quanto mais competitivo o desporto tanto mais o corpo torna-se rodeado de investimentos e cuidados especiais devido ao aumento das sobrecargas e também das responsabilidades adquiridas.

O corpo no desporto pode ser considerado o acúmulo de experiências motoras provenientes de estímulos internos e externos, cuja suas manifestações físicas serão as somatórias dos princípios de prazer ou desprazer provenientes de diversos momentos da vida do atleta e aparecerão constituídas das inúmeras técnicas de controle corporal. Em um determinado momento desportivo estas manifestações podem se expandir em representações simbólicas e modificar as relações entre o atleta e o desporto, principalmente quando se trata do sucesso ou fracasso das ações desportivas.

1. A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E O DESENVOLVIMENTO CORPORAL

Para se entender como as questões psicanalíticas interferem na prática desportiva é necessário caracterizar o crescimento do corpo físico e a constituição psíquica do atleta. A psicanálise, ciência que

inventa o inconsciente, trabalha com a constituição psíquica do sujeito, que não cresce linearmente e que se propaga até o fim da vida.

Para esta ciência o sujeito "*se constitui e se institui, não se desenvolve, se estrutura; em troca, o corpo se constrói e se desenvolve, matura e cresce*" (LEVI, 1996, p.20). Esta é a diferença mais significativa entre o corpo físico e o psiquismo. Enquanto o primeiro cresce linearmente até determinado ponto, o outro por sua vez se constitui de *marcas* que vão sendo adquiridas durante a vida e que não cessam nunca. No treinamento desportivo fica evidente as limitações do organismo biológico do atleta e é por isso que se fala em idade ótima para determinada prática desportiva de um corpo que se desenvolve e que pode ser treinado a fim de se aprimorar suas capacidades físicas.

O mesmo não acontece com o psiquismo que não é treinável, nem ao menos condicionado, simplesmente porque ele se constitui de marcas adquiridas não possuindo níveis, estágios, ou algo semelhante para ser atingido. Ele se estrutura e se estabelece enquanto linguagem, ou seja, "*só existimos - no sentido existencial - na medida em que temos a sensibilidade de nos comunicar com os seres e as coisas que nos cercam, o que é de um lado estabelecer relações significantes com o nosso corpo, suas sensações e suas produções; e de outro com o que é exterior a ele. O estabelecimento destas relações depende antes de mais nada do desejo e do prazer de comunicar.*" (Lapierre, 1984, p.55)

O psiquismo não é um órgão reconhecido no corpo do ser humano, ele é uma instância produzida e transmitida pela linguagem no mundo da cultura; logo é uma característica única dos seres falantes e não dos animais (mundo da natureza).

Para a psicanálise o corpo só existe em função do outro, mais precisamente pelo olhar do outro, que toma, pega, puxa, engancha

(Sousa, s/d.). Segundo Cabas (s/d), desde o nascimento e durante toda a infância o sujeito é objeto de todo tipo de manipulação de seu corpo pelos outros. Esta "manipulação" começa mesmo antes do bebê nascer sendo caracterizada pelos desejos de seus pais. Seu nome é escolhido, seu lugar é determinado e expectativas são projetadas para ele. O corpo só deixará de ser um "pedaço de carne" para se constituir em um corpo próprio quando ele passar a ser simbolizado, isto quer dizer, nomeado e instituído pela linguagem e passar a ser a sede de representações psíquicas.

O primeiro objeto reconhecido pela criança é o outro que cuida dela, ela o olha e não o distingue de si mesma. É este outro que marcará suas partes do corpo e dirá que ela (criança) é diferente dele (objeto). O outro é essencial porque, de início, ele e ela são indiferenciáveis, uma célula única. A separação ocorre quando o objeto se distancia da criança e a faz se reconhecer como um sujeito diferente da imagem que até então lhe era única. Tem-se a construção do *eu* da criança a partir do movimento de alienação e separação instituídos pelo outro.

Segundo Pamponet & Gerbase (s/d), o corpo psicanalítico é simbólico e portanto habitado pela linguagem, ou seja, é através da aquisição da linguagem que as experiências corporais tornam-se significativas, se codificam e se estruturam. O sujeito precisa reconhecer aquele corpo como sendo o seu corpo, e ele só poderá fazê-lo através da linguagem, ou seja: estas pernas longas e finas me pertencem, este sou eu.

Então, pode-se contextualizar o corpo em dois planos: um instrumental, que se desenvolve organicamente; e outro, involuntário, espontâneo e sob a ação do inconsciente que, segundo Lapierre (1984),

é parte integrante da experiência afetiva e emocional, necessariamente ligada às pulsões, às proibições, aos conflitos relacionais e principalmente se encontra num modo de agir espontâneo cuja significação simbólica não pode ser ignorada.

Se o corpo é a manifestação das representações psíquicas, isto significa que caminham juntos, portanto uma coisa interfere na outra; e neste ponto, as intervenções psíquicas adequadas, instituídas no treinamento das equipes de base, podem auxiliar e minimizar os conflitos otimizando as condições do treinamento.

O psíquico interfere no físico e vice-versa, assim o desprezo, as emoções, as relações não instrumentais, por vezes, atrapalham no desenvolvimento de um trabalho em equipe.

Como já foi dito anteriormente, é através dos desejos e dos prazeres (ou não prazeres) que o sujeito se constitui. O sujeito orgânico possui necessidades fisiológicas como fazer xixi, comer e dormir. Ao satisfazê-las ele cessa suas necessidades; contudo elas estarão sempre associadas à uma pessoa: fazer xixi quando a mãe o leva ao banheiro; comer o arroz e feijão somente feito pela vovó ou dormir só com as histórias do papai. Isto quer dizer que uma criança sempre demanda algo que vai além de sua pura necessidade. Demanda amor, reconhecimento, atenção e carinho de um outro.

É de acordo com suas demandas, respondidas ou não, que a criança se constitui psiquicamente. Há sempre algo que vai organizá-la em torno do que ela é, que marcará sua particularidade e legitimará sua subjetividade, o desejo.

O desejo é sempre inconsciente e todas as pessoas correm atrás dele, ao longo de suas existências, em busca de realizá-lo. Motor do psiquismo e da vida, ele é constituído pela falta, ou seja, por aquilo que

faltou para a criança; e por ser originário desta falta não há realização plena mas haverá, sempre, uma procura. Sem desejo o sujeito morre.

2. O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

Falar sobre adolescência é dizer um processo permeado por desequilíbrios e instabilidades extremas. Não é apenas um período pelo qual todo jovem passa, mas também a etapa fundamental da sua vida cujo objetivo é estabelecer sua nova identidade que só será estabelecida - em qualquer fase da vida - mediante um processo de crise. Por razões tanto internas quanto externas esta crise se torna mais aguda e evidente na adolescência já que *"o processo adolescente visa, fundamentalmente, a conquista de si mesmo, isto é, afirmar-se numa identidade própria, resultado de uma longa e penosa revisão das vivências infantis e das identificações estabelecidas anteriormente"*. (Enderle, 1988, p.24)

Para o autor, a teoria psicanalítica considera que o eixo desencadeante da crise adolescente é o despertar da sexualidade no nível da maturidade genital, onde o indivíduo torna-se capaz biologicamente de exercer a sua genitalidade para a procriação. Neste sentido, instaura-se um conflito referente ao fato do sentir-se criança e, ao mesmo tempo, do postar-se de acordo com suas novas atribuições conferidas por este seu novo corpo que assume outro papel perante a sociedade. A conquista da nova identidade acontecerá, portanto, quando o indivíduo estiver apto para abandonar este papel conferido pela infância e substituí-lo pelo de adulto.

Segundo Aberastury (1992), a entrada ao mundo adulto significa para o adolescente "*a perda definitiva de sua condição de criança*" (p.13) que vai acontecer a partir de uma série de mudanças que ocorrerão com o corpo se apropriando das formas físicas apresentadas pelo adulto. Para a autora, "*a problemática do adolescente começa com as mudanças corporais, com a definição do seu papel na procriação e segue-se com mudanças psicológicas*" (p.16). É a partir das mudanças corporais e como esse "novo corpo" se relaciona com os outros que surgem os conflitos indicadores das mudanças psicológicas neste período.

Knobel (apud Aberastury & Knobel, 1992) diz que o crescimento desordenado que provoca um sentimento de estranheza e insatisfação inicia um processo de "despersonalização" do adolescente que se vê permeado de questionamentos sobre sua vida e o seu lugar no mundo já que nem ele mesmo se reconhece sob tantas mudanças. Para o autor, é neste ponto que se instaura a crise existencial marcada por uma grande instabilidade afetiva, labilidade emocional, crises de arroubo e indiferença, entre tantas outras angústias e ansiedades.

Este período, caracterizado por contradições e conflitos com o meio familiar e social e também responsável pelo fim da infância, refletir-se-á através da ambivalência de papéis que são atribuídos ao adolescente. Se para algumas tarefas o adolescente é considerado responsável para outras é apenas uma criança e esta indefinição de suas (possíveis) responsabilidades o deixa tão confuso que às vezes perde o rumo e não consegue perceber o que pode ou não fazer. A dualidade faz parte deste processo: ao mesmo tempo em que há uma rejeição do contato com os pais e uma grande necessidade de *independência*, o jovem ainda

continua *dependente* emocional e economicamente o que contribui para aumentar, em muito, os conflitos já existentes.

Segundo Corso (1997), para os pais algo também se perde com o fim da infância: o sonho do filho desejado. Se durante a infância o sujeito pode reagir ou se opor às imposições dos desejos inconscientes dos pais, a adolescência se transforma na ruptura dessa posição, própria da infância, de ser uma extensão dos pais. Neste ponto "*os pais não reconhecem naquele filho o fruto de seus melhores esforços; por seu lado, o adolescente não quer se reconhecer no que tem de sobredeterminação paterna em cada poro*" (p.88), causando um desencontro no interior da família onde o jovem passa a ser um "estranho" para os pais. Este desencontro, marcado pelo silêncio, torna a comunicação impossível. O adolescente está lá, mas invisível, pouco acessível. Ora ele está trancado no quarto, ora em uma infindável conversa ao telefone ou, certamente, foi ao encontro de um amigo.

"*O adolescente não quer ser como determinados adultos, mas em troca, escolhe outros como ideais*" (Aberastury, 1992, p.14). Sua hostilidade frente aos pais e ao mundo em geral se manifesta na sua desconfiança, na idéia de não ser compreendido, na sua rejeição pela realidade. Ele começa a perceber que seus pais não são tudo aquilo que ele imaginava que fossem e nesta fase, dilui-se a figura do *pai herói* que se vê substituída por novos ídolos como artistas, professores, jogadores, atletas famosos entre outros.

Este processo normal pelo qual o adolescente passa, se caracteriza pela busca de identidade ideal e prepara o jovem para assumir sua identidade adulta. As particularidades deste processo ficam por conta de caracteres estruturais individuais e do contexto onde este jovem se insere. A forma como cada um lida com seus desejos, angústias e

frustrações é particular. O ser humano, por essência é um ser que deseja e que passa toda sua vida tentando preencher o vazio que o constitui. Alguns buscam superar esta falta fundamental usando artifícios que imaginariamente a tamponariam.

Para exemplificar esta construção encontra-se o filho de um atleta que pode vir a se tornar também um atleta porque desde sua gestação já foi sendo desejado e nomeado pelos pais como um futuro campeão. Cabe a ele, no transcorrer de sua existência, apropriar-se ou não dessa marca de desejo deixada em sua vida. Quando um atleta está em quadra ele pode simplesmente querer responder a uma demanda gerada pelo outro, fato que poderia gerar uma série de conflitos internos e comprometer sua atuação desportiva. A questão é sempre a que desejo ele está respondendo: seu ou do outro.

2.1. O ADOLESCENTE E A TENDÊNCIA GRUPAL

Segundo Knobel (1992), em busca da identidade o jovem recorre a um comportamento defensivo de *uniformidade*, o que lhe proporciona segurança e estima pessoal. O adolescente sai em busca do outro com quem possa se identificar, procura espaços e pessoas semelhantes que ele imagina que saibam da sua angústia. Surge o interesse pelo grupo pelo qual ele se mostra tão inclinado e que passa a ter importância primordial em sua vida.

No grupo, o jovem encontra o reforço necessário para os seus aspectos mutáveis já que ele *"não sente que estão acontecendo processos de mudança, dos quais não pode participar de modo ativo, e o grupo vem a solucionar então grande parte de seus conflitos"* (knobel apud Aberastury & Knobel, 1992, p.37).

A necessidade de criar uma identidade e de ser alguém fará com que este indivíduo adote as normas ditadas pelo grupo - que o incluiu como membro - tornando-o aliado importante para o seu desenvolvimento. Daí para frente o seu comportamento, seu modo de vestir, de falar, de andar, de pensar o mundo será regido pelas normas deste grupo, respeitando-se, é claro, algumas poucas diferenças.

A escolha do grupo dependerá das particularidades e disponibilidades individuais. Desta forma, o adolescente é vulnerável para assimilar os impactos que a sociedade lhe oferece, com seu quadro de violência e destruição, tornando-o alvo fácil à perversidade como a aderência às drogas, a prostituição e a delinquência. É importante ressaltar aqui, que esta vulnerabilidade conferida ao jovem possibilita uma escolha por outros grupos, como por exemplo o desportivo, através de seus interesses.

3. CARACTERIZAÇÃO DE GRUPO DESPORTIVO

A primeira coisa que surge na mente quando se pensa em um determinado grupo é em um conjunto de coisas ou pessoas formando um todo, ou ainda, em uma pequena associação ou reunião de pessoas com o mesmo objetivo.

Ao se transportar tais conceitos para o desporto, uma equipe desportiva corresponderia ao conjunto de pessoas que formam um todo, cujo objetivo principal é a conquista do êxito desportivo em uma determinada prática, e que venha acompanhado, preferivelmente, da vitória.

Muitos autores reportam-se aos grupos desportivos através das teorias gerais de pequenos grupos e coletividades. Para estes, a estrutura dos grupos divide-se em duas partes: uma "formal" (ou oficial) e outra, "informal" (ou não oficial). A estrutura formal do grupo, que corresponde às relações operacionais, é representada pelos direitos e deveres de cada um de seus membros. Numa equipe desportiva, por exemplo, isso se evidencia de acordo com a parte que cabe aos atletas dentro de uma sessão de treinamento, um jogo ou mesmo um campeonato. Já a estrutura informal se evidencia através das relações interpessoais existentes dentro do grupo, referentes aos aspectos positivos ou negativos das manifestações emocionais.

Um outro autor, Vólkov (apud Dzhamgárov & Rumiántseva, 1990), introduz o conceito de "superestrutura" - proporcional ao "formal"; e de "subestrutura" - equivalente ao tradicional "informal". Para ele, o controle e a organização da atividade e do comportamento dos membros da equipe desportiva, que se estruturam através das regras, sanções, prescrições e instruções oficiais, refletir-se-ão no conceito de "superestrutura". Em outro nível, o controle e a organização baseados nas tradições, normas e ritos, refletir-se-ão na "subestrutura" da equipe desportiva.

No basquetebol por exemplo, a organização de funções e papéis correspondentes à superestrutura ou a estrutura formal do grupo é claramente representada pelas posições que cada atleta assume em quadra (se é armador, lateral ou pivô; ou seja, se assumem posições 1, 2, 3, 4, ou 5) de modo a organizar suas estratégias ofensivas e defensivas representadas pelas tarefas que cabem a eles realizar. Neste ponto as interligações afetivas entre os componentes do grupo não deveriam alterar sua funcionalidade uma vez que em quadra todos os

atletas deveriam cumprir com seus direitos e deveres e postarem-se em relação aos outros de modo a chegarem ao objetivo comum da conquista desportiva. Mas, como a subestrutura ou estrutura informal não tem uma divisão clara e regulamentada e nela os papéis se distribuem espontaneamente de acordo com a influência, autoridade, simpatia e atrativo pessoal entre os próprios integrantes da equipe, muitas vezes é comum encontrar tal estrutura rompida principalmente quando a eleição e a preferência dos companheiros, uns pelos outros, determinam-se pela atitude pessoal que é subjetiva e cuja base se encontra na simpatia ou na antipatia expressada.

Na perspectiva de Ucha (1998), as regras da competição indicam com precisão qual é a composição principal do grupo, da equipe e as tarefas que deverão ser desenvolvidas no decorrer da resposta desportiva. Para ele, a estrutura formal, que está regulamentada pelas disposições e indicações das organizações desportivas e das exigências dos treinadores, regulamenta o processo de interação e interrelação entre os membros da equipe. Nesta concepção, as estruturas formal e não formal coexistem sempre sendo que é das relações formais que surge, de forma espontânea, a estrutura não formal referente às relações interpessoais de uma equipe.

Cada vez que mudam as regras, modificam-se as relações físicas, técnicas, táticas, e conseqüentemente, as relações interpessoais do grupo. Segundo Bayer (1994) as regras estruturam um determinado desporto, que sob o ponto de vista institucional, serão representadas por uma Federação e por um código de arbitragem e vão determinar a maneira de jogar a bola com tal e tal parte do corpo, bem como a conduta do jogador, o tamanho e as especificações dos materiais utilizados. Se a regra de basquetebol é clara e diz que *a bola é jogada*

com as mãos e é uma violação correr com a bola, chutá-la ou golpeá-la com o punho todos os praticantes desta modalidade deverão compor seus sistemas estratégicos de acordo com estes princípios. Se a bola pode ser *passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção*, conseqüentemente ela terá tais meios para se chegar às mãos dos demais integrantes de uma mesma equipe.

Estas questões sobre as regras podem ser facilmente identificadas pelas diferenças existentes entre o basquetebol profissional, o amador e o estilo de jogo entre um e outro. É claro que as mudanças não modificam a característica principal do jogo de basquetebol, identificado por duas equipes de cinco jogadores onde cada uma busca a cesta do adversário e procura evitar que o mesmo se apodere de sua cesta e nela faça pontos. Isso também é válido para as questões sobre a bola que em ambos os casos pode ser passada, arremessada ou driblada em qualquer direção.

Ao se analisar algumas dessas diferenças pode-se verificar que as estratégias de cada um também se modificam. Por exemplo, o fato de no basquetebol profissional o tempo de posse de bola para um ataque é de 24 segundos, ou seja, 6 segundos a menos do que no basquetebol amador (que tem 30 segundos) dita um jogo mais rápido e veloz nestas quadras. Neste caso, um jogo mais veloz pressupõe diferentes estratégias e posicionamentos assumidos em quadra. Mas é não só isso que vai modificar as estratégias e funcionalidade do jogo. Um outro aspecto diz respeito ao sistema defensivo que no basquetebol profissional vem especificado pelas regras onde os atletas só poderão utilizar-se da marcação homem a homem e assim por diante.

Por mais definida pelo "livro de regras" ou órgãos que a regulamentam, a arbitragem, como uma estrutura formal, cria novas

interrelações dentro de uma partida já que depende da interpretação pessoal que cada profissional faz do próprio código de arbitragem e dos acontecimentos desportivos. Muitas vezes, o que pode ser infração para determinado árbitro pode não ser para outro.

Esta margem de interpretação na qual os atletas e técnicos estão dispostos pela arbitragem produz novas relações interpessoais, tanto nas vias atleta-arbitragem e técnico-arbitragem quanto nas relações atleta-atleta e técnico-atleta. Se por um lado atletas ou técnicos não "satisfazem" a arbitragem, esta, na figura do árbitro tem "poder legal" para diminuir a ação desportiva destes, fazendo com que eles joguem ou administrem o jogo de acordo com aquilo que está sendo proposto e construído por ela naquele momento. Desta forma, se um atleta ou técnico tem atuação melhor ou pior dependendo da arbitragem escolhida para administrar sua partida, esta oscilação repercutirá nas relações interpessoais da equipe como um todo, alterando sua estrutura informal.

Em um grupo desportivo há outros grupos ainda menores. Pelo menos dois são evidentes: os titulares e os reservas. Dentro de uma partida estes dois grupos interagem entre si, constituindo novos subgrupos. Em desportos cujo número de substituições é indeterminado, as novas possibilidades de formação de grupos também ficam muito aumentadas. Isto porque estes novos subgrupos não se formarão apenas pelas trocas dos jogadores mas também pelas posições que eles ocuparão em quadra e que assumirão diante da equipe. A especificidade é evidente no desporto de alto rendimento onde os atletas são treinados para executarem determinadas funções, o que não impede, no decorrer da prática desportiva, que eles assumam outras e novas funções modificando as ações e formações grupais, quer seja por influência das

regras (como por exemplo perder o jogador da posição de acordo com as punições que envolvem o desporto) ou por estratégia do técnico.

Um grupo desportivo não é (nem pode ser) somente constituído de suas relações formais ou de suas relações informais. Se por um lado os integrantes de uma determinada equipe estruturam suas relações somente sobre uma base formal (de regras, sanções, punições, etc.) logo suas interações se mostrarão tensas prejudicando o desempenho final do grupo. Por outro lado, se as estruturas informais forem maiores ou superiores às não formais, o grupo pode deixar de cumprir tarefas na sua totalidade e passar a tentar alcançar objetivos de um círculo estreito de seus integrantes. Em ambos os casos a unidade do grupo fica prejudicada e uma vez que isso acontece rompe-se também a funcionalidade do mesmo.

É neste ponto, na busca da integração entre estas duas estruturas, que se pode pensar no psiquismo, tanto em relação às posições que cada um assume diante da equipe quanto em relação às manifestações emocionais produzidas pelas diversas vias (técnico-atleta, atleta-atleta, atleta-arbitragem, etc.) e que podem assumir características negativas prejudicando o desempenho total do grupo.

Geralmente o grupo desportivo é caracterizado por atos permitidos ou não, subordinados a uma "lei". Nestes casos, as decisões tomadas pelos atletas durante a prática desportiva são externas por estarem submetidas à uma autoridade que está de fora; ou seja, pertencem àqueles que comandam ou lideram a equipe. No desporto isso se evidencia através de alguns técnicos, dirigentes ou arbitragem que, a todo momento, dizem aos atletas o que fazer fora ou no decorrer da prática desportiva. Percebe-se claramente a atuação constante dos mesmos dizendo aonde os desportistas devem estar e o que precisam

fazer com seu corpo a cada instante da partida. A decisão de ir à cesta em determinado ponto do jogo, de se fazer uma falta planejada ou uma jogada específica acaba não pertencendo ao próprio atleta e sim a um personagem exterior.

Neste ponto, os atletas se vêem através do julgamento do outro e do temor de não continuar ou não ser aceito na equipe. Seus desejos ficam escondidos e não se manifestam dando lugar aos desejos dos outros, principalmente no caso dos jovens, daqueles pertencentes aos pais e técnicos. Segundo Lapierre (1984), qualquer que seja o desejo do adulto, ele deve dominar sua ansiedade e saber esperar. O jovem deve se sentir aceito, mas nunca forçado ou obrigado. Deve sentir prazer e nunca obrigação de pertencer a um grupo.

A lei é necessária para que haja desejo, só que ela não deve vir de uma atitude arbitrária, mas da organização daquele desporto, da cultura.

PARTE III

O BASQUETEBOL EM CATEGORIAS MENORES

O fato do basquetebol ser um desporto coletivo, que só existe em função do grupo, evidencia alguns aspectos de formação grupal intrínsecos aos jovens, que como já dito anteriormente, buscam determinadas "tribos" onde possam se identificar.

O grupo no basquetebol está inserido em dois níveis: de um lado encontra-se os companheiros, de outro, os adversários. O atleta enquanto parceiro caracteriza-se pela sociabilidade e enquanto adversário pela distinção de forças. No aspecto coletivo, o jogar com e o jogar contra aparecem nas táticas de jogo (ou de equipe) uma vez que elas se apresentam através de como os jogadores se relacionam uns com os outros, de como eles defendem seus espaços em quadra ou como os conquistam no ataque.

1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO BASQUETEBOL E AS QUESTÕES PSÍQUICAS

Segundo suas regras oficiais, *"o basketball é jogado por duas (2) equipes de cinco (5) jogadores cada uma. O objetivo de cada equipe é o de jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A cesta que é atacada por uma equipe é a cesta do oponente e a cesta a qual é defendida por uma equipe é a própria cesta. A bola poderá ser passada, arremessada,*

"tapeada", rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições dispostas nas regras seguintes. A vencedora do jogo é a equipe que fizer o maior número de pontos ao final do tempo de jogo" (Confederação Brasileira de Basketball, 1998, P.3).

De um modo geral, o basquetebol é um jogo com estrutura variável, dinâmica e evolutiva e todos os acontecimentos em quadra coexistem sob 3 formas: corridas, saltos e lançamentos; fundamentadas pelos aspectos técnicos específicos da modalidade. As *corridas* se caracterizam pelo controle de corpo (incluindo posicionamento básico de defesa), manejo de bola e drible quando em deslocamento; os *saltos* através de rebotes, passes e arremessos em suspensão; os *lançamentos* pelos passes de curta ou longa distâncias e tiros à cesta.

Segundo Ferreira (1987), os fundamentos são classificados da seguinte forma: Ao *controle de corpo* pertencem as paradas brusca, saídas rápidas, fintas, saltos, giros, corridas e deslocamentos; ao *controle de bola*, as habilidades diversas; ao *drible*, se alto, baixo, parado, em velocidade ou com mudança de direção; aos *passes*, com uma ou duas mãos, à altura do peito, acima da cabeça, por baixo, picado, à altura do ombro ou tipo gancho; aos *arremessos*, se com uma das mãos, bandeja, *jump* ou tipo gancho; aos *fundamentos individuais de defesa*, a posição básica e deslocamentos; ao *rebote*, se de ataque ou de defesa.

Determinados por estas ações, pela duração do jogo e pelo espaço no qual esta modalidade é praticada, os aspectos físicos desenvolvidos no basquetebol são representados pelas seguintes capacidades: resistência anaeróbica curta, média e de longa duração, agilidade, flexibilidade, velocidade, resistência de velocidade, coordenação, força dinâmica, força explosiva, resistência de força, ritmo, equilíbrio

dinâmico e equilíbrio recuperado. Dentro do treinamento do basquetebol deve-se considerar a existência destas como fatores intrínsecos à prática deste desporto, devendo portanto, serem planejadas de forma que compreendam as particularidades individuais e coletivas, bem como aquelas pertencentes à modalidade.

Menos imposta pelos fundamentos e capacidades físicas, mas deles dependente, aparece a tática e, conseqüentemente, os sistemas de jogo. Este fator, que corresponde à compreensão lógica do jogo, compreende os meios disponíveis e postos em prática a fim de sair-se bem de qualquer situação ocorrida em quadra visando alcançar espaços favoráveis. Dentro de uma equipe a tática só existirá através de objetivos comuns, quando a intenção de cada jogador estiver adaptada às diferentes intenções táticas dos seus companheiros.

Tática e sistema de jogo estão intimamente ligados. Este último refere-se à maneira de como os jogadores se posicionam uns em relação com os outros. Quanto aos sistemas de jogo, o basquetebol ora se apresenta no ataque (sistema ofensivo), ora na defesa (sistema defensivo) e ora na transição (momento da troca do sistema defensivo em ofensivo e vice-versa). É importante ressaltar aqui que os fundamentos da modalidade possuem tanto características defensivas quanto ofensivas. Ou seja, pertencem ao sistema ofensivo controle de corpo e de bola, drible, passes, arremessos e rebote; e ao sistema defensivo controle de corpo, rebote e posição básica de defesa.

Quando uma equipe está em poder da posse de bola, ela está no ataque; quando não a tem, assume uma postura defensiva e tenta impedir a progressão do adversário a fim de que o mesmo não faça pontos e ela recupere a bola para, ofensivamente, apoderar-se da cesta contrária e pontuar. O funcionamento do sistema defensivo baseia-se em

mecanismos que protegem a equipe contra a invasão adversária. A missão do sistema defensivo é dupla: detectar a presença do invasor e usar de artifícios adequados para eliminá-lo. A identificação do adversário é feita pelo reconhecimento de diferenças relevantes a ele. Quando falha, duas coisas podem acontecer: o adversário penetra o sistema defensivo ou, uma boa parte do contra-ataque é destruída pela defesa contrária. Esta disputa, opondo invasores e o sistema defensivo, é um campo repleto de práticas de despiste e desinformação. Diversas equipes conseguem burlar o sistema defensivo servindo-se destas táticas; e se a defesa atrapalha, a astúcia resolve.

De acordo com Ferreira (1987), a utilização dos sistemas de defesa e ataque dependerá das características físicas e técnicas dos jogadores, da equipe adversária, do grau de habilidade dos jogadores e da situação momentânea da partida. Desta forma, ambos os sistemas possuem diversificidade e podem mudar no decorrer de uma partida.

Dentre os esquemas defensivos encontra-se os seguintes:

individual - marca-se o jogador e pode ser simples, com visão orientada, ajuda, flutuação, antecipação e troca de marcação;

zona - marca-se a bola e pode ser 2-1-2, 1-2-2, 1-3-1, 2-3, 3-2, 2-2-1 ou 1-1-3;

pressão - caracteriza-se por dois atletas marcando a bola e pode ser individual ou por zona em quadra toda, $\frac{1}{2}$ quadra ou $\frac{3}{4}$ de quadra;

mista e combinada - combinam defensiva individual com defensiva por zona podendo ser: *box-one*, *diamont-one*, *diamont-two* e *mucht up*.

Já o ataque se posiciona, segundo Ferreira (1987), principalmente de acordo com a defesa adversária e os "buracos" deixados por ela, com o número de pivôs (simples, duplo, triplo ou se apresenta rotatividade), com o posicionamento inicial dos atacantes (se 1-3-1, 1-4, 2-3) ou

através do contra-ataque. É somente a partir de seguidas movimentações, treinadas ou não, que o sistema ofensivo encontra possibilidades de finalização. No sistema ofensivo os atletas recebem uma numeração para melhor identificação de suas funções. O armador, geralmente mais baixo, é o número 1 e seu lateral de apoio é o 2. O 3 é outro lateral (ou ala) que também pode ser chamado de ala-pivô por sua característica de penetrar o campo adversário. Os outros dois jogadores, pivô móvel (4) e fixo (5), são os mais altos e tomam conta da área restritiva.

Dentro do basquetebol são estas três estruturas (ataque, defesa e transição) que sustentam as relações entre os indivíduos que, no confronto desportivo, existem tanto com os companheiros quanto os adversários. É na transição que o contra-ataque se caracteriza quando, a partir da bola recuperada, tenta-se, em velocidade, alcançar a cesta contrária sem que haja tempo suficiente para que o sistema defensivo do adversário se arme e se fortaleça. Neste momento do jogo os aspectos subjetivos dos atletas tornam-se mais evidentes, principalmente porque se joga com o erro adversário e tenta-se assumir uma posição de superioridade emocional. As repetições do inconsciente ficam mais perceptíveis na transição justamente porque o atleta não tem controle da situação vivida.

Um atleta infantil, em jogo válido pela Federação Paulista de Basquetebol, sentiu-se paralisado após sua equipe perder a posse de bola favorecendo o ataque contrário. Neste exemplo, o jovem rouba a bola do adversário impedindo a seqüência da jogada e iniciando a transição. Em domínio da posse de bola este mesmo atleta a tem tomada por um outro que, conseqüentemente, recupera a posse para sua equipe e passa a desfrutar das vantagens de se jogar no contra-ataque. Após

este último acontecimento em quadra, o jovem "roubado" sentiu-se lesado, abaixou sua cabeça e esqueceu-se da continuidade da partida deixando seu time, temporariamente, com um jogador a menos. A partir deste exemplo, pode-se dizer que o jovem atleta repetiu em quadra um procedimento que também ocorre no seu cotidiano. Ou seja, nas vezes em que se encontra em uma situação de perda ou de roubo, provavelmente se paralisa. O que será que lhe foi roubado?

Trabalhar estas questões no treinamento não é tão complicado quanto parece. Neste caso, abrir espaços para que o jovem possa falar e, em cima disso, valer-se de algumas considerações (ou pontuações) pode ser mais eficaz do que simplesmente despejar em cima do atleta uma atitude correta a ser feita. Falar "o problema" ao ponto de ressignificá-lo faz com que este mesmo atleta, ao se encontrar em situações semelhantes, reconheça suas atitudes a fim de manter-se *no* jogo.

Uma importante característica do jogo de basquetebol é que, se tudo estiver de acordo com uma prática eficaz, cerca de 70 a 90% do tempo de jogo os atletas não estarão em contato com a bola. Isso reforça um "jogar sem bola" que é fundamentado em diversas situações de ajuda. A ajuda pode acontecer tanto para facilitar o deslocamento do jogador que está com a posse de bola quanto na conquista de espaços favoráveis; ou facilitar o desmarque de companheiros e colocá-los em situações propícias para a execução de passes e/ou arremessos. Desta forma, os recursos utilizados para este fim (de ganhar espaços e promover desequilíbrio defensivo), como bloqueio e corta-luz, enriquecem a conduta do jogador, que se vê conscientizado de sua importância no contexto da prática desportiva.

Dentre estes recursos, há outros elementos e situações táticas que desafiam a criatividade e inteligência dos atletas, como antecipação, fintas, e comunicação; que além de estarem inseridas no contexto desportivo, favorecem as relações interpessoais dos companheiros de equipe e a "coesão grupal" responsável por parte do confronto desportivo. Neste sentido, táticas e estratégias são relevantes a muitos atos bem sucedidos e também são predisposições afetivas e atitudes que o atleta apresenta em relação ao grupo.

Para Golmeski (1990), as táticas só têm sentido como fator de surpresa, posto que os adversários geralmente, adaptam-se repetidamente a elas. Na defesa encontra-se, neste sentido, as pressões e as defesas mistas. No ataque, a uma rápida penetração ou a um ataque baseado em movimentos com ajuda dos bloqueios, etc.. Para o autor, habitualmente triunfam aquelas equipes onde há maior número e jogadores de alta qualidade, virtuosos com a bola, com capacidade para criar e improvisar; isso porque o basquetebol cresce no seu aspecto criativo, no plano da improvisação, a partir dos jogadores e não pela rapidez nem pela organização dos movimentos que se põem em prática. Mas alerta que, se os cinco jogadores se põem a improvisar num mesmo momento, surgirá o caos; uma vez que os movimentos táticos têm um determinado desenho de jogo e uma ordem na disposição e na ação conjunta dos jogadores.

Nestas e em outras situações, o psiquismo aparece na busca de um amadurecimento individual e coletivo, principalmente porque estes momentos são caracterizados pelo lugar que este atleta toma no grupo e pela tomada de decisão do jogador, que deve acontecer de maneira rápida e estar de acordo com os objetivos e demais ações do próprio grupo desportivo. Deste modo, o atleta se vê exposto, jogando a partir

de suas expectativas e também com as dos outros (companheiros, técnicos, pais, torcida, etc).

A medida em que se possibilita escutar as opiniões dos jogadores a uma situação concreta, cada um, com freqüência, interpretará de maneira diferente uma determinada fase e proporá seu final. Assim, a atitude consciente dos jogadores, a respeito das ações conjuntas da equipe, são muito importantes, pois eles são os intérpretes diretos dos esquemas e movimentos, personificando em quadra, não só as decisões do treinador, mas de uma equipe. Por tal motivo, é necessário ter em conta as propostas dos jogadores e atrair suas habilidades para que proponham variações como se tratassem de sua própria criação, evitando a desconfiança que se tem das novas interações. Desta forma, a segurança e eficácia dos movimentos se manifestarão, possivelmente, em futuras partidas.

2. O BASQUETEBOL EM EQUIPES DE BASE - MINI E MIRIM

O basquetebol apresenta grande precisão, velocidade e obriga um grande domínio das habilidades específicas. São os níveis destas habilidades que permitem medir o desenvolvimento das demais capacidades relacionadas a este desporto. Quando se observa o desempenho de um atleta (ou futuro atleta), vê-se mais uma apresentação das habilidades desenvolvidas do que suas capacidades em si.

Nas categorias menores existe um grande número de habilidades a serem aprimoradas. A aprendizagem, fixação e aperfeiçoamento dos fundamentos específicos e dos exercícios devem acontecer de acordo

com o grau de dificuldade e frequência com que se pratica; partindo-se do mais simples para o mais complexo e contemplando o encadeamento estrutural e seqüencial dos mesmos.

Não resta dúvidas que uma prática constante leva a um melhor desempenho e a uma melhor condição de jogo. Apesar desta especificidade exigida pelo desporto, as atividades desenvolvidas devem ser tratadas de forma que não caiam na simples mecanização de movimentos. Na iniciação desportiva é necessário mostrar a importância de um trabalho amplo de base, adequado às características e necessidades dos jovens e saber escolher a tarefa apropriada para eles, a idade que for. Se há no grupo uma atividade que reflita diretamente no rendimento desportivo, é também necessário fazer um trabalho preventivo, a fim de se evitar lesões físicas e/ou psíquicas decorrentes da prática.

Este tipo de preocupação existe principalmente por estar sendo desenvolvido um trabalho em indivíduos em fase de crescimento sem boa estrutura óssea nem bom armazenamento de cálcio e com a cartilagem ainda em desenvolvimento. Dá-se ênfase às questões relativas à força, flexibilidade e resistência muscular que, como outras capacidades, apresentam picos específicos e valores diferentes dependendo da faixa etária na qual se está trabalhando o que possibilita, através de uma melhor adequação dos estímulos fornecidos pelos técnicos, alcançar resultados favoráveis.

Mas as preocupações com o trabalho em equipes de base não acabam por aí. Estando nas de caráter individual (formar o jogador) e coletivas (criar uma equipe coesa), enquadra-se no processo, um direcionamento psicológico. Concomitante à constituição psíquica ocorre a escolha do atleta pelo grupo.

Os aspectos psicológicos podem e devem ser trabalhados na aprendizagem e prática das diversas componentes do esporte através de situações semelhantes a de jogo, das próprias regras do basquetebol, da experiência em competições indo desde o controle de bola até a conclusão da jogada, onde são trabalhados inúmeros fundamentos de diversas formas: com ou sem bola, individualmente ou em grupos, com exercícios simples ou complexos. Se o basquetebol segue uma determinada linha de desenvolvimento, deve-se associar os elementos psicológicos com aquilo que é proposto pela atividade específica, ou mesmo abrir espaços para que os jovens falem e avaliem os caminhos decorrentes de determinadas situações, estimulados, de preferência, de modo que ele próprio se conscientize e chegue a uma resposta mais adequada.

O psiquismo necessita de uma lei que o organize e o basquetebol também está submetido a uma lei dada pela Federação Internacional. Ambos funcionam a partir de algo que os direcione.

2.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REGRAS

Desde que o basquetebol foi inventado, pelo professor de educação física e canadense James Naismith, as mudanças ou pequenas adaptações em suas regras são uma constante. De responsabilidade da FIBA (Federação Internacional de Basquetebol Amador e órgão máximo que rege este desporto), cada uma destas mudanças, que acontecem a cada quatro anos, são previamente testadas em campeonatos oficiais regidos por esta federação e acompanham a própria evolução do fenômeno desportivo no mundo.

Estas constantes mudanças, de caráter pedagógico ou mercadológico, são responsáveis por algumas modificações nas estruturas técnicas e táticas do jogo uma vez que, como já foi dito anteriormente, é a partir das regras que se determinam a atuação dos jogadores em quadra e o modo de se jogar a bola. Se por um lado as mudanças produzem um maior interesse pelo praticante, por outro favorecem o espetáculo desportivo.

Nas categorias menores, pré-mini, mini e mirim onde a faixa etária dos atletas alcança 14 anos, as mudanças nas regras consideram os seguintes aspectos: aprendizagem, educação e participação; competição e resultado.

Até os 12 anos (categoria pré-mini) é praticado o mini-basquetebol, destinado mais precisamente à educação infantil, onde se respeita as características, necessidades e os interesses dos seus praticantes. Para que isso aconteça, as regras sofrem as seguintes adaptações do basquetebol convencional:

- as tabelas assumem dimensões menores, inclusive a altura do aro que cai de 3,05m para 2,60m, e a bola é mais leve e menor. Estes novos valores possibilita uma adaptação ao esforço exigido pela modalidade e um desenvolvimento adequado das habilidades e capacidades físicas;

- o tempo de jogo se divide em quatro períodos de 10 minutos cada um onde no primeiro quarto jogam 5 jogadores e no segundo quarto jogam obrigatoriamente os outro cinco atletas que ainda não estiveram em quadra. Nota-se que esta adaptação faz com que todos os atletas participem do jogo praticamente o mesmo tanto uma vez que as substituições só poderão ser feitas nas trocas de períodos conferindo a todos a participação mínima em um período e máxima em dois.

- não há prorrogações e admite-se empates. Aqui, a intenção está em preservar a ludicidade do jogo e os valores educativos, sociais e morais que o desporto atinge, como por exemplo respeito a si mesmo e ao adversário, lealdade e espírito de equipe.

Já nas categorias mini (13 anos) e mirim (14 anos) as adaptações estão presentes, mas em menor número. Nestas categorias não se joga mais de acordo com aquilo que é proposto pelo mini-basquetebol nem tão pouco com o que é oferecido pelo basquetebol convencional. Pode-se caracterizar este período como sendo de transição. Aqui, as tabelas, aros e bolas assumem as mesmas proporções do basquetebol adulto e o jogo não admite empates. Ainda nestas categorias o tempo de jogo é dividido em quartos de 10 minutos cada e a troca dos 5 atletas que iniciaram a partida é obrigatória entre o primeiro e segundo períodos de jogo. Na categoria mini os atletas não podem jogar mais do que dois períodos, já na categoria mirim os atletas podem jogar até três quartos da partida e as substituições são livres nos dois últimos períodos.

Se por um lado estas mudanças incluem a competitividade e a busca de talentos, por outro, garantem a participação do atleta no jogo. Enquanto o mini-basquetebol não responsabiliza este ou aquele atleta pelo resultado o mesmo já não acontece com os jovens que participam das categorias mini e mirim principalmente quando a vitória passa a ser determinante no trabalho dos técnicos e dirigentes de clubes que enfatizam quantidade ao invés de qualidade. Com o aumento das responsabilidades há o aumento de cobranças que chegam com um treinamento mais sério e forte físico, técnico e taticamente. A inadimplência do profissional que trabalha com o desporto de base a estes aspectos podem afetar emocionalmente e/ou desestimular os jovens atletas do contexto desportivo.

DISCUSSÃO

No desporto atual existem papéis a serem desempenhados pelos seus integrantes: há o atacante, o defensor, o lançador, o cortador, o pivô, o batedor, o capitão, o treinador, o árbitro, o dirigente, sem esquecer, é claro, da intensa repercussão social e política da vitória, que ao lado de tantos fatores tornam o fenômeno desportivo altamente competitivo, gerador de tensões, conflitos, ansiedades e angústias. É neste ponto onde se insere o conceito de psicologia desportiva e seus objetivos, como por exemplo: o estudo das motivações para o combate desportivo, da agressividade, das implicações sócio-econômicas do esporte, da psicologia do treinador, do torcedor, do preparo do atleta e da patologia no desporto entre outros fatores.

A atividade física requer funções musculares, respiratórias e cardíacas que estão ligadas diretamente às questões subjetivas uma vez que dentro do desporto há diversas componentes que as intensificam como desafiar, atacar, defender, fintar, partir, chegar, ultrapassar ou mesmo revidar.

Atualmente esta subjetividade intrínseca ao desporto tem levado muitos profissionais a repensarem seus métodos de treinamento e a reavaliarem suas filosofias de trabalho. Estes profissionais reconhecem que o desempenho atlético do desportista será fornecido, não só pelo treinamento físico, mas também através de um trabalho psicológico integrado. Aprender a jogar de maneira inteligente passa a ser tão ou mais importante quanto ensinar aos jogadores a especificidade do desporto. As propostas são variáveis, e seguem caminhos diversos. Phil Jackson, técnico do Chicago Bulls (equipe da NBA) e autor do livro *"Cestas sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras"*

(1997), acreditou na filosofia zen e a incluiu em seus treinamentos alcançando resultados surpreendentes.

Phil Jackson (1997) recorreu ao zen para trabalhar "coisas" que ele achava importante que estivessem sempre presentes em um grupo desportivo (no caso, o basquetebol). Para isso ele foi experimentando diversas práticas espirituais e psicológicas que ele gostaria de associar ao basquetebol; e neste ponto, ao mesmo tempo em que tentava introduzir as questões do não-egoísmo proveniente da filosofia zen, utilizou-se de diversas técnicas (ou artifícios) como a meditação, a visualização, o relaxamento e também serviu-se de livros (emprestados aos atletas) e de sessões de filmes, para sublinhar algumas coisas que eram necessárias numa equipe desportiva.

Certa vez, pensando em um jogo contra Detroit, Phil Jackson teve a idéia de usar *O mágico de Oz* para ensinar e mostrar aos jogadores como o estilo violento do Detroit estava os afetando enquanto equipe; isso porque o adversário fazia uma guerra psicológica contra seu time e era preciso reverter a situação. Então ele misturou pedaços deste filme com clipes de jogos contra o Detroit. Segundo o técnico, esta sessão foi um sucesso. Uma seqüência mostrava B.J. driblando até a cesta e sendo demolido pela defesa do Detroit, seguido de uma cena de Dorothy chegando na Terra de Oz, olhando ao redor, e dizendo ao seu fiel cão: - Isto não é o Kansas, Toto. Outra mostrava Horace Grant, que precisava desenvolver sua sabedoria de quadra, levando uma finta no corta-luz de Isiah Thomas, seguido do Espantalho dizendo como seria bom ter um cérebro. Para Phil, de uma forma ou de outra, o vídeo fazia piadas com todo o time. Isso era importante porque todos tinham que ser mais espertos, mais alertas, e menos intimidados pelas táticas de sarjeta do Detroit.

Neste trabalho, uma tentativa de integrar alguns conceitos da psicanálise na prática desportiva, acredita-se no quanto de contribuições a psicanálise pode levar à prática desportiva, principalmente quando se fala em jovens em formação. A utilização de estratégias diversificadas também se fazem necessárias e são artifícios que facilitam as manifestações de subjetividade do atleta. Assim, deixar o desportista *falar* (estratégia a serviço da subjetividade) e propiciar espaço para que verbalize suas sensações, suas razões e suas experiências corporais, contribui para evidenciar a significação simbólica dos comportamentos motores espontâneos. Além disso, segundo Rocha (s/d), o recurso de outras técnicas mediadoras, quando bem conduzidas, podem permitir uma reativação das *marcas*, permitir uma estrutura e ajudar o sujeito a advir. Isso considerando que a constituição psíquica do sujeito se dá através de marcas adquiridas desde o nascimento e que nunca cessam. Neste sentido, o corpo, como linguagem, não seria somente um meio de expressão; mas sim um receptáculo de marcas de estímulos internos e externos que mesmo quando ainda o sujeito não se encontrar constituído inscrevem a harmonia, desarmonia, frustrações e satisfações. (Reforça-se aqui que tais marcas podem intervir positiva ou negativamente na prática desportiva).

Este deixar *falar* ou este *verbalizar* tudo em alguns momentos se traduz, neste estudo, numa *associação livre* como recurso metodológico de leitura psicanalítica. É deixando livre o curso das associações que o sujeito poderá estabelecer novas conexões, no caso, do contexto desportivo.

Se para a psicanálise a idéia está em se trabalhar no nível do próprio corpo (que é simbólico e se apresenta pela linguagem) e na espontaneidade de suas reações, ao se utilizar artifícios que permitam a

verbalização, possibilita-se também um reajustamento das próprias manifestações psíquicas, isso porque através desta verbalização o adolescente terá a chance de se deparar com seus conflitos, atualizando-os ou ressignificando-os, transformando as experiências que se manifestam através dos comportamentos simbólicos que dela decorrem e que não fazem senão exprimi-los.

Este *verbalizar* fortalece também a equipe, uma vez que, com um campo livre para a manifestação de desejo (que estrutura qualquer relacionamento), o jovem perde, aos poucos, o medo do outro, do julgamento do outro, do temor de não ser aceito. Lembro-me de quando a equipe em que trabalhava encontrou alguns problemas de relacionamento que desestruturavam sua *unidade* conquistada. Chegou um momento em que foi preciso abrir espaço para que se falasse sobre os impecílios que, verbalizados e recodificados, mudaram atitudes dando maior consistência à equipe.

Se além de um corpo instrumental, existe toda uma organização tônica involuntária, espontânea, parte integrante da experiência afetiva e emocional ligada ao inconsciente e dotada de uma significação simbólica que não pode ser ignorada; a aceitação de um corpo pulsional, local de prazeres e desejos e a significação simbólica dos comportamentos motores espontâneos não pode deixar de despertar resistências que não tardam a se manifestarem e influenciarem a prática desportiva.

Com o aumento dos números de jogos competitivos e, conseqüentemente, da importância dos mesmos, pude constatar que algumas das atletas, senão sua maioria, sentiam-se intimidadas por chamar a responsabilidade do jogo para si, principalmente em se tratando de erros "tolos" dos quais elas estariam sujeitas e que

poderiam comprometer o resultado final da partida. O medo da cobrança por parte daqueles que esperam alguma coisa delas, fazia com que muitas das ações de jogo ficavam limitadas simplesmente ao: *minha companheira que se vire!*, provocando um time apático, sem determinação. O medo de errar uma bandeja, um passe, um arremesso, ou qualquer elemento que favoreceria o ataque do time adversário e que "custasse" a vitória não poderia recair em qualquer uma delas, então, se era para perder, que o culpado fosse outra pessoa, qualquer uma. Mas, como nenhuma atleta, em sã consciência, entra em quadra para perder; fica claro que estes comportamentos eram produzidos por questões inconscientes, fora do controle das mesmas.

Para trabalhar estes aspectos, elaborei uma atividade com três pontos essenciais: um primeiro destinado em mostrar às atletas suas capacidades e potencialidades; um segundo para fazê-las perceberem que o erro existe não só na prática desportiva mas também no cotidiano das pessoas; e um terceiro reservado a um espaço para uma *verbalização* onde elas pudessem manifestar suas emoções, sensações e razões.

Este exercício foi dividido em duas sessões de treinamento. Num primeiro momento, de posse de uma máquina fotográfica, propus a prática de bandejas. Cada uma que tivesse um desempenho bom, ou seja, fizesse corretamente o exercício, deveria "posar" e tirar uma fotografia. Por um lado, a intenção estava em caracterizar o sucesso das ações desportivas das atletas; por outro, em manter a atividade prazerosa. Em um segundo momento, expus as fotos reveladas, onde tive o cuidado de escrever mensagens que achava importante para cada uma das atletas. Com estes elementos, o passo seguinte foi permitir que

elas falassem sobre suas experiências (positivas ou negativas) vividas na prática desportiva.

Esta aparente desorganização, aos olhos de um observador, pareceriam incoerentes. No entanto elas se articulam, segundo Lapierre (1984), em torno de um certo número de referências inconscientes que possuem entre elas uma coerência interna; uma vez que seria preciso, por isso, não apenas liberar o conteúdo simbólico dos diferentes comportamentos espontâneos, mas também, a partir deste mosaico, tentar reconstituir uma estrutura de conjunto que permitisse integrar logicamente todos esses elementos e suas interligações.

Introduzir no desporto um corpo vivido e permitir-lhe exprimir-se, é um tanto revolucionário. Tende com efeito destruir o caráter das relações treinador-atleta baseado na transmissão de um saber. Quando o técnico ou treinador responde do lugar de mestre, daquele que sabe o que o jovem ou a criança deve sentir ou fazer, corre o risco de estabelecer uma relação que inibe ao invés de promover a criação. O lugar do mestre é sempre o lugar do poder, que ameaça e amedronta. A "função de mestre" tende a justificar o poder do técnico e o apoio a sua autoridade. Se por um lado o corpo "instrumento" não questiona tal autoridade (mesmo numa pedagogia aberta onde se deixa procurar aquilo que o mestre sabe), por outro é permitido às crianças e jovens viverem seus próprios corpos no plano pulsional e afetivo, como espontaneamente o fariam na ausência de ordens e proibições. A autoridade institucional desapareceria e o relacionamento do *mestre* com estes jovens se tornariam de pessoa para pessoa. Não se quer dizer aqui uma ausência total de autoridade (que se faz necessária!), mas que ela não seja mais imposta, e sim conferida (*ao mestre*) pelo grupo.

Muito pode acontecer ao se estabelecer o diálogo como conduta de treinamento, principalmente na medida em que se questiona a autoridade do profissional que comanda o desporto e a necessidade da mesma. Segundo Lapierre (1984), o corpo do *mestre* para a criança faz parte do que é sagrado. Para ele, é preciso sem dúvida romper esta barreira quando se quer que uma comunicação autêntica possa se estabelecer. O mestre perde seu lugar quando o aluno percebe que falta e falha o poder (posição semelhante a destituição do pai-herói pelo adolescente, quando este percebe que o seu pai é falível, já que não consegue mais responder sobre os seus anseios).

Brincar com o corpo do técnico, tocá-lo, batê-lo, etc., tem algo de escandaloso; e aos olhos comuns põe a autoridade do mesmo a dever. Tão pouco os atletas estão acostumados com isso. Certa vez recebi de uma atleta uma carta que dizia o seguinte: *"em relação ao time acho minha opinião importante, pois eu tenho uma visão diferente em relação ao time e você tem outra. Acho que se você não consegue dar uma bronca no time, acho que você vai ter que pensar muito, pois se você não aprendeu a dar uma bronca tá na hora de aprender, se não você sabe, e o que vai ocorrer? Você vai perder o "poder" sob o time"*. Curioso é que, na mesma carta, a aluna, prosseguindo com seu discurso, afirma que ela e o restante do time sabe a importância e utilidade do técnico e para ressaltar bem isso diz: *"você é útil e muito importante para nós e a gente vai provar isso para você"*. Se por um lado não há uma autoridade institucional; por outro, a mesma se encontra fortalecida por um conhecimento técnico superior ao das atletas. Já para Phil Jackson, era necessário que os atletas se desligassem do técnico para que se ligassem aos colegas e ao jogo, porque se os homens iam aprender a atacar, tinham que ter confiança suficiente em si mesmos

para tomarem suas próprias decisões e isto nunca aconteceria se estivessem sempre seguindo as diretrizes do técnico.

Segundo Lacombe (s/d), as manifestações do corpo se apresentam na raiz de qualquer fala já que ele, em si próprio, também é uma linguagem. Se por um lado, um campo livre para a manifestação dos desejos dos jovens se esbarra na autoridade institucional; por outro, a presença do mesmo, acolhe o discurso cotidiano, de maneira a focalizar suas brechas, esperando a emergência do inconsciente. Assim, o diálogo e a expressão verbal, que são da ordem do simbólico, vão ajudar a estruturar uma vivência emocional que se arriscaria em permanecer muito informal.

Como já foi dito anteriormente, o desporto se alterna e se interlaça pelas suas estruturas oficial e não-oficial. É também através delas que se define e se organizam as funções e papéis correspondentes a cada uma delas. Se por um lado há as posições funcionais de cada atleta (se é o armador, o pivô ou um dos laterais); por outro, deve-se considerar a autoridade, a empatia e o atrativo pessoal entre os integrantes da equipe. Assim, se cruzam entre si o que é funcional, institucional e o que é subjetivo.

Geralmente o que se vê na prática desportiva é o formal (determinado por uma autoridade superior ou exterior) se sobrepondo ao informal (das relações humanas). Desta forma, a decisão do atleta não pertence a ele, está sendo programada e subordinada a uma autoridade exterior. Segundo Lapierre (1984), quando se permite uma produção espontânea das pulsões ou uma produção imaginária inconsciente com a qual não se tem contato direto e, conseqüentemente, da qual não se pode ser considerado responsável, o sujeito fica livre em sua decisão e assume completamente a responsabilidade de seus atos. Este fato pode

ser caracterizado pelo discurso de uma jovem atleta: *"fiz o que pude; dei (um pouco) o meu melhor possível para jogar no time. Fui muito individual, mas porque quis. Fui individual porque o time tava muito marcado e tava 'dormindo"*. Mais adiante completa: *"com o time peço desculpas depois porque sei que fui muito chata, exigente e brava. Até posso dizer que fui grossa"*.

Dentro da equipe em que pude desenvolver e experimentar "coisas", havia uma atleta com uma maneira diferente de *verbalizar* seus pensamentos e atitudes sobre o basquetebol: através de cartas. Este *falar* por cartas vai de encontro direto com a proposta psicanalítica, que parte de uma singularidade, mas que retrata uma posição circular do grupo como resultado de uma forma particular de trabalho onde foi privilegiado, ao lado das questões técnicas, o aluno no lugar sujeito (de desejo). Os conteúdos são bastante significativos e pertinentes com as questões até aqui desenvolvidas. Transcrever parte destes discursos ressalta a proposta psicanalítica em equipes de base de basquetebol e finaliza este trabalho.

"Na hora eu disse que não iria jogar enquanto a 12 não saísse, não era medo. É que quando ela saia, o time ficava menos afobado e quando eu entrasse, o time iria se soltar mais. Espero que você não esteja brava comigo; e repito: eu não tenho medo de ninguém e de nada por enquanto. Apenas da minha fragilidade".

"É muito chato a gente ver que está na cara da tabela e errar feio; mas tudo bem, isso passa. Se bem que eu estava completamente desconcertada, eu estava nervosa e preocupada com a aula de natação, mas esse jogo serviu para eu ver meus

defeitos! Quando eu descobro eles (meus defeitos) eu fico muito feliz, pois me dá a esperança de melhorar e aprender cada vez mais".

"Ultimamente ando meio estranha. Tô muito triste; parece que algo morreu dentro de mim. Ando muito triste, e o que morreu eu não sei, mas suspeito que seja o basquete. Mas não está definido nada".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à má estruturação do desporto no Brasil, seria inviável que houvesse uma multidisciplinariedade nos desportos que compreendem as categorias de base. Desta forma, o maior interesse em se aprofundar na psicologia infantil correlacionada ao desporto seria dos técnicos e professores de educação física.

Se houvesse um maior envolvimento destes profissionais com as questões da psicologia aí envolvidas, poder-se-ia verificar uma maior eficiência do trabalho com o desporto nestas categorias, pois técnicos e professores poderiam evitar as falhas decorrentes da especialização precoce que geralmente é o responsável por ocasionar várias frustrações e conseqüente abandono do desporte pelo jovem atleta.

Para Phil Jakson (1997), a primeira providência de um técnico está em *formular uma visão para o time*. A visão pode ser elevada, mas não impossível, devendo levar em consideração não apenas o que se quer, mas como chegar a algum lugar. O principal ponto para ele era o trabalho sem egoísmo, onde a meta era dar a todos no time um papel importante, de usar regularmente 10 jogadores e dar aos outros tempo suficiente de jogo para que pudessem se harmonizar facilmente com o resto do time quando estivessem na quadra. A coisa importante era deixar todos pegarem na bola para que não se sentissem espectadores.

Neste estudo, o principal ponto está em manter a prática desportiva prazerosa, respeitando-se a individualidade de cada um. O importante está em focalizar um corpo que produz comportamentos dotados de significação simbólica e ligados às experiências espontâneas vivenciadas em sua relação com o outro, com o mundo e dotadas de um imaginário inconsciente que condiciona toda uma vida relacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. 10a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. (13-61)
- BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Tradução de Machado da Costa. Lisboa: Dinalivros, 1994. (Coleção Desporto)
- BRANDÃO, Maria Regina F. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Santa Maria, 1996.
- BUCETA, Jose María. **Psicología del entrenamiento deportivo**. Digital (<http://www.cop.es/colegiados/T-00849/jmbuc2.htm>); 1998.
- CABAS, Antonio Godino. **Do gozo dos corpos**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (17-19).
- CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basketball. **Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros**, 1998.
- CORSO, Mário & CORSO, D.L. **GAME OVER - o adolescente enquanto unheimlich para os pais**. In: Adolescência: entre o passado e o futuro. Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Artes & Ofícios Ed., 1997.
- CRATTY, Bryant J. **Psicologia no Esporte**. Trad. de Oliva Lustosa Bergier. 2a ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
- DZHANGÁROV, T.T. & RUMIÁNTSEVA, V. I. **Liderazgo en el deporte**. Trad. de N. I. Satskov. Moscou: Vneshtorgizdat, 1990.
- ENDERLE, C. **A questão da identidade e da crise**. In: Psicologia da Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988 (23-26).
- FEIJÓ, Olavo G. **Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro: Shape Ed. e Promoções, 1992.
- FERREIRA, Aluísio Elias Xavier & DE ROSE JR, Dante. **Basquetebol: técnicas e tática: uma abordagem didática pedagógica**. São Paulo: EPU, 1987.
- FERGUSON, Andrew. **Conheça a loucura do esporte infantil nos EUA**. Time Magazine do Jornal Folha de São Paulo, 2 (27): 4, 08 jul. 1999.
- GARCIA, Célio. **O corpo e suas mucosas**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (19-23)
- GOLMESKI, Alexander. **Baloncesto: la direcion del equipo**. Barcelona: Editorial Hispano Europea S.A., 1990.

- GOULD, Daniel & PICK, Sean. **Sport Psychology: the Griffith era, 1920-1940**. *The Sport Psychologist*, 1995, 9, 391-405.
- JACKSON, P. & DELEHANTY, H. **Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras**. Trad. de Anna Maria Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KRIVENKO, M. **Psicología: libro de texto**. Trad. de Elsa Skrypiel Warzel. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1988.
- LACOME, Fábio P. **O corpo, a psicanálise e o cotidiano**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (23-25)
- LANDERS, Daniel M. **The formative years, 1950-1980**. *The Sport Psychologist*, 1995, 9, 406-417.
- LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. **Fantasmas Corporais e a prática psicomotora**. Trad. de Regina Soares e Sonia A. Machado. São Paulo: Editora Manole, 1984. (9-40)
- LEVI, Esteban. **A clínica interdisciplinar em crianças com transtornos na estrutura e no desenvolvimento**. *Amarelinhas*, Curitiba, 3 (3): 20-29, ago. 1996.
- MEDINA, C. P. & GARCÍA P. M. **La psicología aplicada a la actividad física y el deporte: sus aportes al deporte municipal**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires: Revista Digital (<http://www.sirc.ca/revista>), 1998.
- PAMPONET, Reinaldo & GERBASE, Jairo. **Corpo de fala**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (35-38)
- PSI JORNAL DE PSICOLOGIA CRP SP. **Psicologia do esporte ganha força**. São Paulo, nº 117, jul./ago. 1999.
- RODRIGUES, Maria Carolina P. **Psicoterapia Dinâmica Breve: uma intervenção alternativa na preparação psicológica de tenistas infanto-juvenis**. Dissertação de Mestrado, FEF-Unicamp/1998.
- ROFFÉ, Marcelo. **El psicólogo del deporte en el fútbol amateur: la prevención**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires: Revista Digital (<http://www.sirc.ca/revista>), 1998.
- SALAFIA, Anabel G. **O corpo fora do discurso: formações do órgão irreal da libido**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (13-16).
- SILVA, Athayde Ribeiro da. **Psicología del deporte y preparación del deportista**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- SOUZA, Alduísio Moreira de. **O corpo em psicanálise**. In: Agenda de Psicanálise 2. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, s/d. (11-12)
- UCHA, Francisco E. García. **El equipo deportivo**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires: Revista Digital (<http://www.sirc.ca/revista>), 1998.

VENZON, Hércules. ***Futebol Interativo: guia de exercícios com objetivos integrados***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

WEINECK, J. ***Treinamento ideal***. Trad. de Beatriz M^a. Romano Carvalho. Revisão Científica de Valdir J. Barbanti. São Paulo: Manole, 1999.

WILLIAMS, Jean M. ***Psicologia aplicada al deporte***. Trad. de Lourdes Guiñales. Madrid: Biblioteca Nueva, 1991. (Colección de Textos y Temas Psicológicos)

ZAKHAROV, Andrei. ***Ciência do treinamento desportivo***. Adaptação científica de Antonio Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.